

## VARIEDADE

## GUIOMAR

(Continuação)

N'um dos pequenos estados da Allemanha havia então uma guerra de religião.

Irene poz na cabeça de João que era da sua honra tomar com cavalheiros e partir para a guerra.

João não se deixou illudir; não se julgava nem enviado de Deus, nem um grande capitão; mas abraçou com fervor a idéa de deixar Irene, esperando além disso que essa expedição mudaria o curso das suas idéas e lhe faria esquecer Guiomar.

Partiu n'uma manhã, esporeando o cavallo mais fogoso das suas cavallariças e á frente dos seus cavalheiros armados de lanças e pesadas espadas.

Esteve sete mezes ausente.

Quando voltou, com o espirito cheio de Guiomar, o seu primeiro pensamento foi informar-se a seu respeito com um pagem da sua casa.

O pagem, porém, nada sabia ou nada quiz responder.

Não encontrando, com grande pasmo seu, a heralde de Guiomar, interrogou uma velhita, que mendigava á beira dos caminhos.

— Jesus! meu fidalgo, respondeu-lhe esta; a Guiomar morreu.

— Morreu! exclamou João empallidecendo.

— A Guiomar inda não está debaixo da terra, nas está morta: enlouqueceu.

— Douda!

— Oh! é uma historia muito triste; mas si a enhora de Béthune e de Coutances soubesse que fui eu que vol-a contei, mandava-me cortar a lingua e marrar a um poste, como fez com a Guiomar.

— Como fez com a Guiomar?... Falla, falla...

— Depois que partiu o conde, a condessa impuha todos os dias multas, que arruinavam os servos. Lhes tiravam o pão da bocca. Houve reclamações, mas a condessa mostrou-se cruel e sequestrou os bens e as economias dos que ousaram queixar-se. Eu, meu fidalgo, nem sempre fui mendiga: possuí herdades e terras. Foi a condessa de Béthune que me reduziu a este estado.

— Pobre mulher! murmurou João com as lagrimas nos olhos; a tua miseria acabará... mas allá-me de Guiomar.

— A historia da Guiomar, não é longa, meu fidalgo. O pae morreu-lhe de um ataque e a rapariga, caia subitamente, dobrou os seus cabedoes, e tornou-se a providencia destes sitios, como a condessa para o flagello.

Esta concebeu uma inveja surda e, como era poderosa, tanto fez que arruinou a Guiomar. Os servos reclamaram em nome della e a condessa, acirrada pela audacia delles, jurou vingar-se. Um dia pareceu brandar-se e mandou chamar a Guiomar ao Castello. Chegando lá, agarram-n'a, amarram-n'a a um poste e deram-lhe cincoenta açoites.

Fosse da humilhação porque passára, fosse em consequencia da dor, quando a Guiomar sahio das mãos dos algozes e entrou na aldea, estava douda.

No dia seguinte com as suas proprias mãos poz logo á pequena herdade que restava e com os olhos secos, os braços pendentes, contemplava o incendio. Amigos de seu pae, que moram do outro lado da floresta, tomaram-n'a á sua conta e levaram-n'a para casa.

E' lá que a Guiomar está morando; tractam-n'a com muito cuidado, mas a pobresita nunca mais recuperará a razão. Afinal de contas, antes assim; nada mais possui neste mundo.

Triste e desesperançado voltou João ao castello, para juncto da mulher que nunca amára e que odiava agora.

Quiz fallar do passado, interrogar, queixar-se, andar; mas sentiu-se sem forças e encerrou-se em seu quarto sem proferir palavra.

Sentia necessidade de ficar só e derramar lagrymas e raiva e remorso.

Maldicta fraqueza! que era a causa da sua vida perdida, do seu futuro para sempre condemnado.

Na esperança de encontrar Guiomar dirigia muitas vezes os seus passeios para o lado que a mendiga lhe indicara.

Fosse porém que o acaso se obstinasse em não revelar, fosse que ella se lhe occultasse, o que é que João voltava sempre só para o seu castello moribundo.

N'uma noite em que se recolhia assim tristemente,

admirou-se de encontrar no caminho, de ordinario solitario, grande numero de individuos que tomavam a mesma direcção, como si fossem em romaria.

Cada vez mais surpreendido, interrogou um aldeãozinho que se dispunha a subir a montanha.

— Meu fidalgo, vamos á casa do Guiomar, respondeu-lhe elle singelamente.

— Toda essa gente tambem?

— Tambem, meu fidalgo; alguns, que ficam daqui retirados seis leguas, vêm de proposito ver a Guiomar.

João não sabia como interrogar o aldeão depois de semelhante resposta.

— Quem é essa Guiomar, disse elle depois de um esforço, que tem o poder de attrahir tanta gente?

— Hoje é o dia dos seus annos, e a Guiomar é a sancta cá da aldêa.

— A sancta?

— Sim, meu fidalgo.

E o aldeão, n'uma linguagem singela e colorida, contou a João um capitulo inedito da vida de Guiomar.

Uma velha cahira doente; abandonada pelo medico, fora recolhida pela boa gente que hospedava Guiomar.

Esta installára-se á sua cabeceira, e oito dias depois a doente sahia apoiada ao braço de Guiomar. Quinze dias depois estava curada.

A velha precisava apenas talvez de cuidados inteligentes, e o medico não fizera mais que peiorar-lhe o mal. Foi isto talvez o que succedeu: mas todos viram só uma coisa, que Guiomar curára um doente abandonado e salvara um ente condemnado.

Depois de dous ou tres factos analogos, não se fallava sinão na virtude miraculosa dos cuidados de Guiomar.

Quem sentia a menor dor, ia logo ter com ella. Guiomar não estava pois tão louca, como dissera a mendiga.

O fidalgo despediu-se do aldeão e, de longe, perdido na multidão ou antes occultando-se della, assistiu á festa de Guiomar.

Oito dias não se haviam passado e uma madrugada foi João despertado por um ruido que não era habitual.

Interrogou, e foi-lhe respondido que tendo os medicos accusado uma maldicta feiticeira de envenenar os habitantes do sitio, a condessa de Béthune mandara prendel-a na vespera e condemnára-a a receber nesse mesmo dia sessenta açoites.

— Mas que barulho é este? perguntou João.

— São os amigos da feiticeira que reclamam e ameaçam...

A condessa de Béthune entrou.

— Senhora, disse-lhe João, peço-vos que ponhaes termo a esta vozeria immediatamente.

— E porque meio?

— Dando liberdade á mulher que mandastes prender.

— Logo que justiça for feita.

— Julgo que vos disse: immediatamente.

Admirada de ouvir João fallar com essa auctoridade, a condessa quiz affrontal-o, e jurou que Guiomar só sahiria do castello depois de ter recebido sessenta açoites.

— Veremos, disse João, que deu immediatamente ordens, dispensando dessa vez o consentimento da mulher.

As acclamações que se seguiram logo mostraram a João que elle era obedecido e a Irene que ella não era mais senhora absoluta no castello.

Essa queda dos seus direitos torturou-a até á noite, e só se consolou com a promessa tacita que a si mesma fez de que no dia seguinte estaria vingada e reconquistaria um poder, do qual não queria por nenhuma maneira abdicar.

Algumas horas depois, no hydromel com que se devia encher a taça de ouro de João havia veneno.

João, porém, não teve sede; levantou-se da mesa e esqueceu-lhe beber.

Fosse de zaso ou maldade do pagem a taça de João foi para a mesa da condessa.

A' noite João encontrou a mulher morta.

Soltou um suspiro de allivio, seguido de um grito de desespero.

Elle era livre, mas Guiomar era douda.

Cavalgou o animal mais fogoso das suas cavallariças e partiu a galope.

Um immenso fosso cheio de agua impediu-lhe a passagem.

João enterrou os acicates no animal, e cavallo e cavalleiro rolaram ao fundo do fosso.

Alguns aldeões que passaram levantaram o cavalleiro e levaram-n'o á casa mais proxima.

Guiomar morava a dois passos; chamaram-n'a e ella fez-se enfermeira do fidalgo.

A Guiomar decididamente era feiticeira...

Deus permittiu que ainda dessa vez ella operasse um milagre, porque tres mezes depois João estava curado.

Ainda mais, a loucura desaparecera inteiramente; e como estava o sol magnifico no primeiro dia que elle sahio, sentindo-se ainda um pouco fraco, apoiou-se no braço de Guiomar e dirigiu-se para a egreja, edificada no alto e de onde se viam as ameias do seu castello.

A multidão acompanhava-os, e os aldeões não cessavam de gritar:

— Viva a condessa de Béthune!

Depois de ter sido açoitada, expulsa e desprezada, a Guiomar era condessa de Béthune.

Si passardes em Saley, a tres leguas de Bourges, contar-vos-ão a lenda de Guiomar e João de Béthune.

E' o unico recanto da França onde o aldeão chora ainda os seus antigos senhores.

EUGENIO MORET.

## POESIA

## MILAGRE

Na morte do grande payagista brasileiro Agostinho Motta

Se elle ouvisse na sua sepultura  
A tua voz sentida e suspirosa  
Chorar-lhe a morte triste e prematura...  
De cada branca perola mimosa,

Não só mimosa, virginal e pura,  
Elle fizera a tela grandiosa,  
Onde juntara á tua formosura  
Os lumes de sua alma radiosa.

O pincel, — morto sol na mão descrente, —  
Acordára outra vez, dourando o idyllo  
De florestas, que foi seu sonho ardente.

Fora-lhe a cova um trôno, e não o exilio, —  
E isto tudo fizera de repente  
Um lagryma só, que cahe de um cilio.

(Das Conchas e Perolas).

LUIZ DELFINO.

## BIBLIOGRAPHIA

Temos os numeros 7 a 10 do anno primeiro da *Revista Paranaense*, contendo importantes artigos, de entre os quaes citaremos a *Memoria dos costumes dos indios Coroados*, por Frei Luiz de Comitille; *Notas lexicographicas*, pelo Dr. A. J. de Macedo Soares; varios estudos sobre agricultura, pelo Dr. Emygdio Westphalen, etc.

O *Discurso* proferido pelo Dr. Silva Araujo no dia 28 de Junho de 1882, por occasião da inauguração da Policlínica geral do Rio de Janeiro. Com muita clareza e erudição expõe o auctor, em linguagem alevantada, o fim, utilidade e importancia das Policlínicas.

Uma colleção de 22 estampas lithographadas para o ensino de desenho linear, pelo Sr. Hermenegildo José de Azambuja Neves. Cada estampa contém breves noções de geometria; e parece-nos intuitiva a necessidade da sua introdução nas escholas.

*Arminhos*, contos ligeiros, por Garcia Redondo. Estas desambiciosas narrativas foram já publicadas no *Diario de Santos*, onde obtiveram os applausos do publico.

São escriptas com arte e talento; e bem que não representem mais que uma tentativa, conforme nos declara em prefacio o auctor, deixam claramente provado que o Sr. Garcia Redondo possui as qualidades necessarias para este genero litterario.



FIESOLA

VARIEDADE

AS SENTENÇAS DE CHEMIAKINE

NOVELLA RUSSA

Em certo logarejo viviam dous irmãos, João e Nicolau; eram ambos lavradores, um rico e outro pobre.

Durante muitos annos o rico ajudou o pobre, sem poder todavia arrancar-o á miseria.

Um dia o pobre Nicolau foi á casa do irmão rico pedir que lhe emprestasse o cavallo para transportar a lenha que elle ia cortar na floresta.

João não quiz emprestar o animal, e disse a Nicolau:

— Ha muito tempo que tens a minha bolsa á tua disposição, e nunca conseguiste coisa alguma. De hoje em diante não te ajudarei mais.

Comtudo, Nicolau tanto insistiu, que o irmão consentiu em prestar-lhe esse ultimo serviço;

mas quando lhe pediu tambem a colleira, João encolerisou-se, injuriou-o e disse-lhe:

— Oh! pois nem sequer tens uma colleira?!... Pois olha, a minha não te empresto.

Nicolau teve pois de contentar-se com o cavallo.

Voltou para a casa, atrelou pela cauda o animal ao trenó e foi para a floresta cortar lenha.

Em seguida carregou o trenó e, chegando ao pateo da sua casa, abriu a porta e fustigou o animal.

Infelizmente a porta era muito estreita, de sorte que o cavallo, tirando a enorme carga, ficou sem rabo.

Nicolau não sabia como havia de restituir ao irmão o animal em semelhante estado.

Todavia era forçoso levar-o ao irmão.

João, vendo que o animal estava sem rabo, não quiz recebê-lo e foi á cidade levar a sua accusação ao juiz Chemiakine.

Sabendo disto, Nicolau seguiu-o, porque sabia que os officiaes da justiça o viriam citar e queria evitar o pagamento das custas.

Chegando a uma aldêa perto da cidade, João foi passar a noite em casa do padre russo, de quem era amigo.

Nicolau foi tambem para a casa do sacerdote.

Logo que chegou deitou-se n'um desvão, e o rico contou ao padre a historia do seu cavallo, que o obrigava a ir á cidade. Em seguida sentou-se á mesa com o seu hospede, que o convidou para comer, beber e divertir-se.

O pobre, de seu lado, pôz-se a olhar do desvão, e vendo que o padre comia e bebia com o irmão sem pensar em convidal-o, atirou-se ao berço onde dormia o filho do sacerdote e afogou a creança.

O padre, vendo o seu filho morto, pediu a João que o aconselhasse e ficou assentado que elle iria tambem levar a sua accusação contra Nicolau.

Chegaram junctos á cidade onde morava o juiz Chemiakine.

O pobre, que os seguia, atravessou uma ponte suspensa sobre uma barroca larga e profunda.

Nesse momento mesmo, um habitante da cidade, que levava o pae ao banho, passou por essa barroca.

Nicolau levado pelas suas reflexões a confessar que, graças ao irmão e ao padre, a sua perda era inevitavel, quiz suicidar-se, e precipitou-se da ponte á barroca. Cahiu sobre o velho, que ficou bastante maltractado.

Prenderam-o e levaram-o ao juiz.

O pobre cuidou de livrar-se daquelle máu passo, e eis o que fez: apanhou uma pedra, enrolou-a no lenço, pôl-a dentro do chapéo e assim comparecen ante o juiz.

O irmão, que mandára formular o sua accusação a respeito do cavallo, apresentou-a ao juiz.

Leu-a este e disse a Nicolau:

— Accusado, responde.

O pobre, não sabendo o que dizer, tirou de dentro do chapéo a pedra enrolada no lenço, mostrou-a ao juiz e respondeu-lhe:

— Julga-nos.

Chemiakine, comprehendendo que o pobre saberia recompensal-o si elle lhe fosse favoravel, disse ao rico:

— Como teu irmão arrancou a cauda ao teu cavallo, no que, aliás, não houve má intenção, deixa o cavallo em poder delle até nascer-lhe nova cauda; e só então rehavel-o-has.

Em seguida entrou o padre, que formulou a sua accusação com respeito ao assassinio de seu filho.

Nicolau tirou outra vez de dentro do chapéo a pedra enrolada no lenço e mostrou-a ao juiz, que suppoz receber outro presente e disse ao padre:

— Já que este pobre matou teu filho, dá-lhe a tua mulher, e que fique em casa delle até que tenha outro filho. Só então poderás rehaver o teu.

Chegou a vez do terceiro processo.

O filho apresentou a sua queixa ao juiz a respeito da morte do pae, dizendo que o pobre se precipitára do alto da ponte e maltractára o velho.

Nicolau, pela terceira vez, tirou do chapéo a pedra sempre enrolada no lenço, mostrou-a outra vez ao juiz, que, julgando que lhe era offerecido terceiro presente, disse á parte queixosa:

— Vae para cima da ponte, e tú, pobre, põe-te debaixo della, e que elle se precipite sobre ti, como tú te precipitaste sobre o pae delle.

Nicolau agradeceu a Deus por lhe ter o juiz sido favoravel.

Terminada a audiencia, os queixosos sahiram do tribunal com o accusado, e João reclamou o seu cavallo.

— Segundo a sentença do tribunal, respondeu-lhe Nicolau, receberás o teu cavallo quando lhe houver nascido nova cauda.

O rico então preferiu dar ao irmão cinco rublos para que lhe restituisse o cavallo tal qual estava.

Immediatamente o pobre recebeu o dinheiro e entregou o animal.

Depois Nicolau reclamou a mulher do padre e protestou que a entregaria ao marido, conforme a sentença do tribunal, logo que ella tivesse um filho.

O padre pediu e rogou ao pobre que lhe não levasse a mulher.

Nicolau porém exasperou-se e nada quiz attender.



*H. Phillips*

QUEM MEU FILHO BEIJA...

Então o marido deu por ella trinta rublos, um jumento, um boi, uma vacca e quarenta medidas de trigo.

Nicolau disse finalmente ao terceiro queixoso:

— Conforme a sentença do tribunal, vou pôr-me debaixo da ponte; atira-te sobre mim como eu me atirei sobre teu pae...

O outro reflectiu que, atirando-se do alto da ponte, podia muito bem não matar o pobre e matar-se a si; entrou pois em composição com elle e deu-lhe vinte rublos, um cavallo e uma vacca.

Neste entrementes o juiz mandou o creado em busca do accusado, com ordem de receber os tres embrulhos que lhe mostrára.

Encontrou-o o creado e pediu-lhe os tres embrulhos; mas o pobre, tirando do chapéo a pedra enrolada no lenço, mostrou a ao creado, que lhe perguntou o que significava aquillo.

— Si Chemiakine, respondeu Nicolau, não houvesse julgado a meu favor, era minha intenção atirar-lh'a á cabeça.

O creado referiu o que vira e ouvira ao juiz, que exclamou satisfeitissimo:

— Graças vos sejam dadas, meu Deus, por me haverdes inspirado a favor do pobre, porque, si o tivesse condemnado, já teria deixado de existir.

Nicolau, que enriquecera, voltou para casa satisfeitissimo e entoando louvores a Deus.

## A CIDADE E OS THEATROS

Quem foi que disse que o publico fluminense é um publico essencialmente dilettante?

Eu quizera vê-los lá, no Pedro-Segundo, todos esses que assim pensam, nos espectaculos fóra do quadro da assignatura diante das cadeiras vãs e dos camarotes por encher.

Chega a ser triste.

Nada entretanto mais natural do que um povo intelligente e espirituoso como é o fluminense, ser essencialmente dilettante, quando de todas as bellas artes, a musica é a unica de que nos podemos apreciar todas as maravilhas. O maestro tem sobre o pintor, sobre o esculptor esta inapreciavel vantagem: a sua obra pôde ser admirada em toda a sua pureza, em toda a verdade dos meios tons, em todos os cantos do mundo, simultaneamente, enquanto as inspirações do pintor estão fatalmente presas á teta, e a estatua segura ao pedestal; não ha dois exemplares da *Ceia*, de Leonardo de Vinci, e para ver as *Sibyllas*, de Miguel Angelo, é preciso ir á Capella Sixtina; enquanto podemos admirar aqui mesmo todas as sublimidades de Mozart, Beethoven, Gounod, Verdi, Carlos Gomes...

A musica é emfim o nosso unico recurso, o unico refugio.

Mas somos nós realmente dilettantes?

Eu confesso, si-to-me muito tentado a dizer que não, e até certo ponto a explicar essa falta de gosto.

Ha na *Muelle*, de Auber, um duo de tenor e soprano que nunca foi intiramente cantado. O primeiro tenor que cantou na primeira representação da bella opera do maestro francez, tendo a voz já muito cansada, cortou-se a metade do duetto, e assim continuou-se na segunda, terceira representação.

Substituindo o artista, o empresario propõe a Auber:

— Hein, mestre, se fizéssemos cantar agora todo o duetto?

— Nunca, jámais! respondeu o maestro; tem-se cantado e o publico tem applaudido e bisado, signal de que é a conta, se fazemos cantar todo, talvez seja de mais, e o publico aborrecido patie...

Eis o que acontece no Rio de Janeiro: quando ha lyrico, é lyrico de mais; é lyrico segunda-feira, lyrico quarta-feira, lyrico sexta e lyrico sabbado; a opera torna-se assim uma occupação forçada, um emprego, uma tarefa de quasi todo o dia; é musica de mais. Obrigado pela assignatura, o fluminense não tem o direito de escolher nem a noite em que quer ouvir musica, nem a opera que quer applaudir; vae porque é assignante, e é assignante porque é moda ser assignante; o Pedro-Segundo torna-se assim uma repartição; e o que devia ser um divertimento, uma satisfação, um prazer, degenera n'um dever, n'uma obrigação, n'um aborrecimento portanto...

Não! nós não somos dilettantes da Opera; mas amannenses d'uma repartição, que se chama Pedro-Segundo.

E está ahí porque, nas representações extraordinarias, não ha ninguem, embora mesmo se cante pela unica vez *Rigoletto*; o publico está cansado, fatigado, quebrado. Tudo quebra, tudo cansa, tudo passa.

Hamleto tinha o folego curto; nós temos o dilettantismo pouco longo.

Bizarro!... bizarro!... Para fazer diversão ao lyrisimo — perdão da muita actualidade! — eu fui ver, a outra quozena, os presentes que as alumnas do Lyceu de Artes e Officios offereceram ao Dr. Rodolpho Dantas... Bem

bonitos todos! alguns de muito gosto e outros mesmo de alto preço!... As alumnas do Lyceu de Artes e Officios são entretanto umas pobres meninas, e só a philanthropia tem proporcionado os meios de se instruí-las; o director-secretario-thesoureiro daquelle allega mesmo que é necessario fornecer-lhes tudo quanto é preciso para escrever... E ellas dão presentes de ouro e prata!... Bizarro! bizarro!

Como cada anno nesta epocha, o theatro lyrico tudo monopolisa; não ha senão para o Sr. Ferrari; os outros theatros estão, como se diz, às moscas.

Entretanto a empresa das Novidades deu-nos os *Pedantes* que são uma linda e espirituosa comedia, e o *Assassinato no Largo do Rocio* menos linda menos espirituosa, mas que tem agradado mais; o *Recreio* deu-nos os *Botucudos* do Dr. Sampaio, ainda uma comedia em que o publico vale mais que os entendidos e do que o autor. Mas a novidade, a grande novidade, é a proxima apparição no nosso hemispherio da celebre estrella parisiense Sarah Bernardt.

Sarah Bernardt, que acaba de assignar um contracto em Manchester, que nos promete vinte representações no Pedro Segundo, não estará no Rio de Janeiro senão em Maio do anno proximo; mas os grandes astros como os cometas, annunciam-se sempre com grande antecedencia, e a actriz judia que tem de nós visitar é hoje a primeira tragica do mundo.

Madame Damala é hoje o seu nome, espreará no papel de Dona Sol do *Hernani* de Victor Hugo, um dos seus melhores papeis, se é que ella não é admiravel em todos os seus trabalhos.

A primeira vez que Sarah Bernardt interpretou Dona Sol, Victor Hugo occupava uma cadeira da Comedie Française, no dia seguinte, recebia a formosa actriz estas simples palavras:

« Mlle.—En vous écoutant hier, j'ai pleuré; cette larme est à vous, l'auteur d'*Hernani*. »

Essa lagrima de Victor Hugo era da mais pura agua do Brasil e tinha custado dez mil francos n'um joalheiro celebre de Paris.

Mas eu noto que ainda não vos fallei do grande acontecimento da quinzena, d'esse grande e brilhante concerto que nos deu o Club Beethoven nos aristocraticos salões do Cassino Fluminense.

Uma festa como a de quinta-feira com o programma que a leitora deve ter visto, e de graça, dispensa qualquer annuncio retumbante de que é costume prender os espectaculos á sensação.

Os directores do Club Beethoven são aliás inimigos de toda publicidade preventiva.

Mr. Benjamin sobretudo querendo ver-se livre dos pedintes de convite, era mesmo d'uma reserva ingleza estes ultimos dias, e quando lhe perguntavam:

— Então! maravilhoso este concerto.

— Oh! o melhor é esperar por elle.

— Dizem que vae ser uma cousa nunca vista?

— Talvez... alguma novidade... não sei nada ainda.

— Que o salão vae ser deslumbrantemente adornado.

— E' melhor esperar para ver.

Mas apesar d'esta frieza, esses dialogos acabavam invariavelmente por esta recommendação.

— Eu espero que não se esqueça de mim!

Do lado feminino, ninguem ousava de certo forçar assim um convite, mas quantos ramos de *Myosotis* não recebeu o meu amigo Benjamin.

— Um diluvio! asseverou-me elle.

Assim, às oito horas na noite, o vasto salão do Cassino, esplendidamente cheio já transborda nas galerias.

Eu noto ao acaso, na grande via lactea:

S. M. a Imperatriz e S. A. Condessa d'Eu, de luto; A Exm. Condessa de E... de azul celeste, esplendidas rendas brancas, e um diadema de bellas estrellas maçonicas.

A Sra. viscondessa de S... côr de rosa Rothschild e rendas brancas.

A Sra. A... azul zaphira acompanhando adoravelmente as mais doces curvas.

A Sra. P... de lilaz e franjas da mesma côr.

A Sra. M... corpinho Crequey, longa ponta crivada de arminho, dorso de seda azul, frente da setim da mesma côr docotado, em quadrado, um laço sobre o hombro esquerdo e no regaço uma simples rosa Príncipe Negro.

E' muita moça sobretudo.

No programma foi tudo magistralmente executado havia uma novidade, uma bella aria para soprano, da *Erodiada* de Massenet, que a Sra. Medea Borelli cantou com muito mimo e expressão.

Quando nos dará o Sr. Ferrari toda a opera?

J. D.

## AS NOSSAS GRAVURAS

### FIESOLE

A antiquissima cidade de Fiesole, outr'ora celebre e dominadora em toda a Toscana, hoje apenas apresenta interesse para o amator archeologo, desthronizada privada de suas riquezas como o foi pela sua vizinha a opulenta Florença. Mesmo assim, entretanto, é Fiesole o rendez-vous dos antiquarios que ahí encontram abundantes motivos para investigações historicas. A sua pittoresca posição sobre uma colina a tornam digna da reproducção pelo desenho que aqui apresentamos e com que extrahimos do album de esboços de um intrepido amator e admirador da terra de Miguel Angelo.

## QUEM MEU FILHO BEIJA.....

Gracioso episodio de familia que o artista põe em scena no comeco do actual seculo, ainda que elle seja de todos os tempos. O correcto e civil *incroyable*, para commover a filha, desfaz-se em signaes de respeitosa attenção e consideração para com a matrona; suspeito porém que esses sentimentos talvez lhe não cheguem no coração pelo motivo simplissimo de que esse organ transborda de outro sentimento mais puro, nobre e proprio da idade. Comquanto não me apraza a malediscencia, acredito que foi esse o pensamento do artista H. Phillips que com tanta arte nos apresenta tres personagens vivas e fallantes, rodeados de accessorios e vestidos de modo que indica talento não vulgar de estudo, observação e correcção.

## HORAS DE OCIO

O premio dos problemas propostos no ultimo numero foi ganho pela Exma. Sra. D. T. de O. F. que o pôde mandar procurar. Não foi a unica pessoa que decifrasse os tres problemas, pois recebemos de mais de doze assignantes decifrações certas. Houve mais 31 communicações que acertaram em dois dos tres casos, 17 que acertaram apenas em um.

Eis as respostas certas:

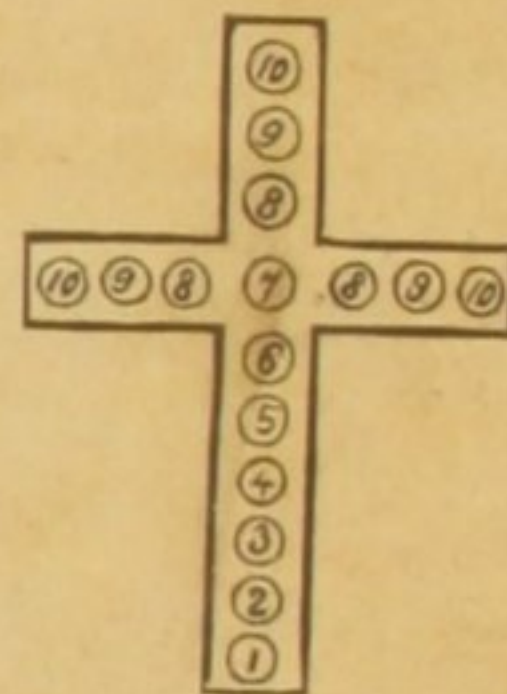
á Cryptographia (64)

Eu já vi a taverneiro  
Vender vaca por carneiro  
Mas não vi por vida minha  
Vender vaca por galinha  
Sinão ao duque de Aveiro.

Versos de Camões que se acham, repondo uma letra que falta entre cada uma das da serie citada.

á Cruz de brilhantes (65)

O joalheiro collocou os brilhantes do seguinte modo



aos anagrammas

Rosa, Saro, Roas, Raso, Soar.

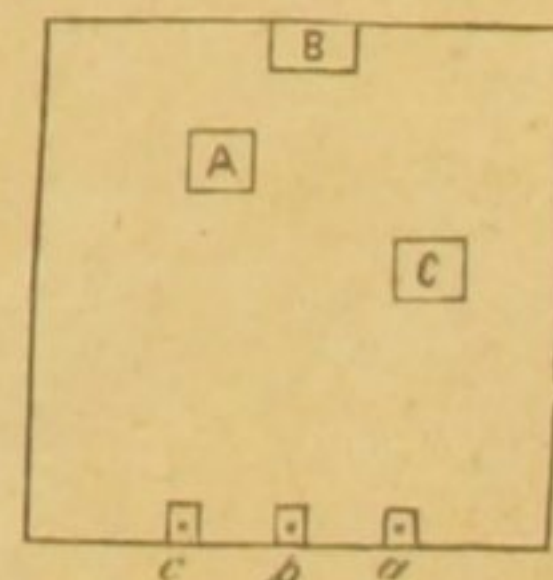
O premio para os seguintes problemas é um par de quadros em chromolithographia.

### 67. Recreio geographico

Uma das nossas amaveis assignantes de Itú respondeu ao problema que com o mesmo titulo demos sob n. 62 na *Estação* de 15 de setembro passado, que, alterando a ordem dos 23 lugares citados do Brasil, obtem-se outro dictado que não o que demos. Torna-se este facto objecto de novas investigações para ás quaes convidamos as nossas leitoras.

### 68. Os maus vizinhos

Em uma propriedade murada haviam tres casas e uma fonte apenas que lhes fornecia a agua. Sendo constantes as discussões entre os moradores a respeito da agua, deliberou o proprietario fazer mais dois chafarizes para que cada morador tivesse o seu e, afim de impedir que se encontrassem no futuro, quiz abrir um caminho de cada casa á sua fonte respectiva sem sahir do terreno. A' vista da planta abaixo que indica nos pontos A, B, C as casas e a, b, c os respectivos chafarizes, pergunta-se por onde deverão ser abertos os caminhos.



### 69. Problema arithmetico

Provai que a metade de 13 são 8.

NEMO

N. B.— Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser dirigida a Nemo, no escriptorio desta folha.